

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Senest.	Trim.	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 657	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
	36 n.º	18 n.º	9 n.º			
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	II DE JUNHO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

O districto de Viseu está em festa: tem pela primeira vez a honra de hospedar a Augusta Rainha dos portuguezes, Sua Magestade a senhora D. Amelia, que, por conselho dos medicos, foi para S. Pedro do Sul fazer uso das excellentes aguas d'aquellas thermas, que ha poucos annos ainda quasi desconhecidas de todo o paiz, estão hoje sendo das mais frequentadas da nossa terra.

Sua Magestade El-Rei D. Carlos, a quem os seus deveres de rei não permittiram ausentar-se por tanto tempo da capital, não poude acompanhar a sua illustre esposa que partiu sózinha com os seus augustos filhos, o principe Real e o principe da Beira, acompanhada pela sua dama de serviço a sr.ª condessa do Seisal, o seu veador, o sr. conde de Sabugosa, e a aia dos principes, a sr.ª D. Izabel Ponte.

A Augusta Soberana partiu de Lisboa em comboyo especial, na terça feira, 3, ás 8 horas da manhã, chegando ás 5 horas da tarde a Viseu, onde esperava a regia viajante enorme concurso de povo — cerca de 12 mil pessoas, que a aclamaram ruidosamente e lhe fizeram uma recepção verdadeiramente entusiastica.

Sua Magestade deu ali recepção no salão da gare, elegantemente adornada para esse fim, e ás 6 horas seguiu para S. Pedro do Sul, acompanhada por 50 carruagens conduzindo tudo o que de mais illustre e distincto ha no districto de Viseu.

A sua chegada a S. Pedro, sete horas e dez minutos da tarde, houve *Te-Deum*, celebrado pelo sr. bispo de Viseu.

Na Commanda, limite sul do concelho de S. Pedro, a Rainha e os principes eram esperados pela municipalidade, auctoridades civis, judiciaes, militares, ecclesiasticas, e muito povo e camponezas que cantavam trovas populares e atiravam flores sobre a carruagem de Sua Magestade.

Todas as ruas da villa de S. Pedro do Sul estavam vistosamente embandeiradas e illuminadas e no fim do *Te-Deum* S. M. a Rainha foi acompanhada até ao palacio do conde de Roriz, transformado em Paço Real, por enorme concurso de povo aclamando calorosamente a illustre soberana, que penhoradissima com aquella recepção tão expontanea, tão festiva, tão entusiastica, chegou á janella com seus filhos á agradecer os vivas, e o entusiasmo com que a saudava o povo, perfeitamente ca-

ptivado pela bondade inexcével, pela gentileza suprema e pelo doce, encanto da Rainha.

Sua Magestade conta demorar-se em S. Pedro do Sul até ao fim de junho — um mez de festa, de animação, de alegria n'aquella villa, de ordinario tão insipida e tão abandonada.

Parece que de S. Pedro do Sul, Sua Magestade seguirá com El Rei D. Carlos, que irá ali buscar a, para o norte, indo passar uma semana no Bom Jesus-do Monte.

Na vespera e na ante-vespera de sahir de Lisboa, Sua Magestade a Rainha D. Amelia inaugurou duas exposições de pintura, e o que é mais, duas exposições notabilissimas, que constituem verdadeira gloria para a arte nacional.

A primeira d'essas exposições foi a dos quadros de Columbano Bordallo, no salão da livraria Gomes, ao Chiado, inaugrada no domingo, 3, ás

tres horas da tarde, com a assistencia de El Rei D. Carlos e de sua Augusta esposa.

E' uma familia predestinada para a gloria, a familia Bordallo Pinheiro. O fundador d'esta dynastia de artistas celebres, o pae Bordallo Pinheiro, que ha annos dorme o grande somno e cuja memoria querida constitue uma religião, um culto para seus filhos, que o estremeciam, que tiveram n'elle um pae adorado e um mestre eximio, era um pintor dos mais illustres da nossa terra e deixou ahí espalhados pelos museus e pelas galerias particulares uma porção de deliciosos quadros, verdadeiras obras primas, que são modelos para mestres e honra para a arte portugueza.

Seu filho Raphael Bordallo é um eminente artista, que todos nós conhecemos, que todos nós estremecemos, cuja obra complexa e genial é o assombro de nacionaes e estrangeiros.

Sua filha a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro é uma artista delicadissima, de cujo formoso talento as provas exuberantes são bem conhecidas de todos e ainda n'esta exposição do seu irmão Columbano figuram brilhantemente — n'umas rendas encantadoras, que são propriedade de S. M. a Rainha D. Amelia.

O outro seu filho, o dr. Manuel Bordallo Pinheiro, não se dedicou á arte, consagrou-se á sciencia, mas conhece tambem de perto a gloria, e o seu nome figura á frente dos nossos mais eminentes e illustres operadores.

O seu neto, o Manuel Gustavo é já um artista distinctissimo que segue brilhantemente as gloriosas tradições artisticas da sua gloriosa familia.

Columbano Bordallo, o grande pintor, acaba de immortalisar o seu nome com a exposição a que nos referimos e que é a affirmacão incontestavel d'um poderoso genio artistico, que marca epocha na historia da nossa arte.

Os quadros que Columbano apresenta n'essa exposição, que está sendo muito justamente e como não podia deixar de ser um acontecimento na nossa terra, e que o seria mesmo nos meios artisticos mais brilhantes, são obras primas de inestimavel valor, qualquer das quaes isoladamente, bastava para fazer a gloria d'um artista.

Entre esses quadros abundam os retratos, retratos de contemporaneos illustres nas letras, nas sciencias, nas artes como Lopes de Mendonça, D. João da Camara, Guerra Junqueiro, Anthero do Quental, Oliveira Martins, Jayme Batalha Reis, Taborda, João Rosa, Lino da Assumpção, Antonio Feijó, Fialho d'Almeida, Eugenio de Castro, Silva Pinto, Coelho de Carvalho, Leandro Braga, sobresahindo entre elles os de Taborda João Rosa, Lopes de Mendonça, Silva Pinto e Antonio Feijó.

Dominando a exposição, está



A PRINCEZA MARIA BERTHA DE ROHAN
CASAMENTO DE D. CARLOS DE BOURBON

uma grande tela inspirada n'umas estrophes dos *Lusiadas*, as estrophes 4.^a e 5.^a do 1.^o canto:

E vós Tagides minhas, pois creado
Tendes em mim um novo engenho ardente

e que representa Camões e as Tagides.

Um primor de composição e de execução esse grande quadro, maravilhosa a figura de Camões, deliciosas as nymphas do Tejo.

É também notabilíssimo pela doçura da expressão, o quadro da Senhora da Conceição, apesar de não estar ainda concluído.

Voltaremos a fallar mais detidamente d'esta exposição que é um orgulho para nós todos portuguezes, e por hoje limitamo-nos a felicitar Columbano Bordallo pelo seu esplendido trabalho e pelo seu legitimo e grande triumpho.

A outra exposição foi a dos trabalhos do fallecido e illustre artista Silva Porto, o chorado professor de paysagem da nossa Academia Real de Bellas Artes.

Esta exposição, que se inaugurou na segunda feira 6 com a assistencia de Suas Magestades as Rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, El-Rei D. Carlos e Sua Alteza o sr. Infante D. Alfonso, tem dois fins igualmente justos e louváveis, prestar uma levantada homenagem ao glorioso artista que a morte tão cedo arrebatou à arte, e grangear donativos para se elevar um monumento à memoria de Silva Porto.

N'essa exposição figuram 205 trabalhos do grande artista, pela comparação dos quaes se pôde reconstituir toda a vida artistica de Silva Porto, desde os seus primeiros estudos até às obras primas, que ceoam a sua gloriosa carreira: o ponto de partida e o ponto de chegada.

Entre esses trabalhos, uns pertencentes ao estado, outros pertencentes a particulares, figuram alguns que são verdadeiras obras primas como a *Volta do mercado*, a *Barca*, *Conduzindo o Rebanho*.

Na exposição faltam ainda 13 quadros de Silva Porto, que hão de vir da Academia Portuense de Bellas Artes d'onde o famoso artista foi alumno.

A exposição occupa tres salas e está aberta até ao dia 17 do corrente, sendo o preço da entrada 100 réis, excepto às quintas feiras que é de 200 réis.

A porta está á venda um excellente catalogo elucidativo dos quadros expostos, precedido de uma interessante biographia de Silva Porto, escripta pelo sr. D. José Pessanha, acompanhada d'um retrato do chorado artista, desenhado pelo sr. Condeixa e gravado pelo sr. Lallemant.

Os preços de entrada na exposição, o preço do catalogo, que é de 200 réis, e o preço das photographias dos quadros expostos, tiradas pelo sr. Arnaldo da Fonseca, são destinados ao monumento a Silva Porto.

A campanha do Theatro de D. Maria actualmente no Porto pediu ao governo licença para se demorar ali mais 8 dias, licença que lhe foi concedida.

A auctorisação que a companhia pedira para estar ausente da capital terminava no 15 do corrente e este pedido de prorogação de prazo, prova que a empresa tem auferido lucros no Porto e se tem dado bem na sua exploração.

Os espectáculos teem sido muito concorridos, os artistas muito victoriados e Lucinda Simões teve uma recepção entusiastica e brilhantissima por parte do publico portuense, que é intelligentissimo e da critica que é notavel pela sua illustração, pela sua seriedade e pela sua competencia.

Das peças até agora dadas—isto é, quasi todas do repertorio que a companhia levava—a que maior successo teve foi a encantadora comedia *Os velhos* de D. João da Câmara, que alcançou um exito colossal e merecedissimo, exito que honra muito o bom criterio artistico das plateas portuenses.

A companhia de D. Maria parece que vem ainda a Lisboa dar alguns espectáculos nos ultimos dias do mez para realisar os beneficios d'alguns artistas.

A companhia do theatro da Trindade deu em 176.^a representação em Lisboa e 1.^a n'aquelle theatro, a opera comica — *O burro do sr. alcaide*, A' excepção de Alfredo de Carvalho, Gomes,

Eduardo de Sousa e Thereza, todos os outros artistas faziam os seus papeis pela primeira vez em Lisboa e todos se houberam n'elles muito distinctamente: Augusta Cordeiro, que foi uma deliciosa Gina, Mercedes Blasco, um esplendido Fidelino, Amelia Barros, uma engraçadissima D. Mansa, Fantony uma excellente Affonsa, Pepa, e depois Palmira Martins, — que a substituiu a cantar da 2.^a noite da *reprize*— muito bem ambas no papel de André, e Joaquim Silva magnifico de graça e de veia comica no papel de Maduro.

O publico tem feito a todos—novos e velhos—inteira justiça, applaudindo-os muito todas as noites.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

CASAMENTO DE D. CARLOS DE BOURBON

A PRINCEZA MARIA BERTHA DE ROHAN

A casa Rohan é uma das mais antigas e nobres de França, pois data do seculo XII, tendo a sua origem, nos antigos reis e duques da Bretanha, e o seu nome de um senhor de Morhiban, que era um viscondado em 1100, depois condado em 1558, e foi elevado a duque-par em 1603, em favor do visconde Henrique de Rohan. A nobreza dos Rohans é tal que um dos seus membros tomou por devisa: *Roi ne pais, duc ne daigne, Rohan suis*. Luiz XIV conteriu aos Rohans-Gueménée e aos Rohans-Soubise, em razão da sua origem soberana, o grau e as honras de principes estrangeiros.

Da casa Rohan sahiram os senhores e principes de Gueménée, os duques de Montbazon e de Rohan-Rohan, os principes de Soubise, os principes de Léon, os duques de Ruhan-Chabot, os senhores de Gie, de Fontenay, do Gué, de L'Isle, do Paulduc, de Montauban, de Bois de La Roche e de Harin-worth.

O primeiro membro d'esta familia que usou o nome de Rohan foi um cadete da casa de Bretanha Guéthnoc, fallecido por 1046 e que recebeu o viscondado de Rennes do conde de Porchoet.

Por isto se vê que não pôde ser mais nobre a stirpe de que descende a princeza Maria Bertha de Rohan, que o pretendente ao throno de Hespanha D. Carlos de Bourbon, escolheu para sua segunda mulher.

A princeza Maria Bertha de Rohan, descende do ramo dos Rohan-Montbazon, primeiro duque de Montbazon Hercule de Rohan, filho de Luiz de Rohan duque de Gueménée.

Todos os membros d'esta familia exerceram em França, os mais altos cargos publicos até ao seculo XVII, em que os acontecimentos politicos determinaram a sua retirada para a Allemanha.

O casamento de D. Carlos de Bourbon, em segundas nupcias, foi uma verdadeira surpresa, pois nada constava acerca d'este casamento.

Os desposorios celebraram-se no Castello de Sichern no fundo da Bohemia, e o matrimonio em Praga, no dia 28 de abril ultimo.

A EXPOSIÇÃO COLUMBANO

No salão da livraria do sr. Gomes, um amavel cynico, intelligente e de bom gosto, estão expostas algumas das obras mais notaveis do pintor Columbano. É uma exposição grandiosa, bastante superior ao nivel de comprehensão da maioria do nosso publico, e um acontecimento na arte nacional. A coincidência da inauguração com um dia de tourada veio roubar-lhe os admiradores mais dilectos, e d'entre os que estavam, houve quem interrogasse o artista sobre o numero e dimensões das suas telas, quem sabe se para poder calcular as dimensões do seu talento.

Suas Magestades El-Rei e a Rainha, sempre sollicitos e apreciadores do bello, alli estiveram a abrilhantar o acto, raros pintores, alguns litteratos, o sr. Marianno Pina, e limitado numero de admiradores de Columbano.

Columbano é já um pintor extraordinario, um dos raros que comprehendeu a grandiosidade da arte. O que elle pinta não é abstracto, é profundo, vivo, sentido e individual. Ha na sua alma alguma coisa acima do vulgar, um ideal soberbo, e um orgulho de raça e de caracter que fazem d'elle um dos mais notaveis pintores peninsulares. A sua

maneira de desenhar, por manchas largas, sem dureza nos contornos, comparal a ha, talvez, o sr. Marianno Pina á de Deschamps.

Columbano faz a sua arte com uncção, religiosamente, como o sacerdote erguendo a patena que cobre o calix sagrado. É altivo e independente; passa affectuoso por entre os applausos dos que o comprehendem, e indifferente e arrogante pela chusma dos ignorantes e invejosos.

Porque não? Que lhe importa a critica malevolia, ou que lhe importa a apreciação dos estupidos? Elle alma nobre e concentrada, que reflecte, cerebro pujante que indaga e cogita.

A exposição compõe-se de retratos, da grande tela *Camões evocando as tagides* e do delicioso esboceto *A Virgem da Conceição*.

Os retratos não são *fac similis* de anonymos burguezes, mas uma colleção de verdadeiros retratos d'alguns dos homens notaveis da nossa actual geração. Em todos elles o que Columbano procura reproduzir com maior intensidade é a expressão moral e realisa-o assombrosamente. São tão suggestivas que ao vêr a atormentada fronte de Anthero do Quental, a expressão dolorida e suave do pensador poeta, parece que assistimos ao drama, cujos primeiros capitulos estão na sua marcha immortal, e termina com a morte tragica

Da esphera do invisivel do intangivel
Sobre desertos, vacuos, soledade
Voa e paira o espirito impossivel

Esse espirito impossivel, ancioso por alcançar o intangivel ideal sobrehumano, está ali na tela, finura eburnea d'um Christo de marfim, fitando nos e parecendo que vae revelar-nos alguma cousa do inefavel grandioso que o assoberba.

Ao lado Guerra Junqueiro, sorri-nos, cravando o seu olhar penetrante que nos analysa, deixando entrever ao mesmo tempo as meiguices extraordinarias da sua alma de athleta.

O perfil grave de Oliveira Martins defronta com o ar expansivo do artista Leandro Braga. A fina cabeça de Batalha Reis, a extraordinaria fronte de Silva Pinto, a justa expressão de concentrada energia de Fialho de Almeida, o vago olhar scismador de Eugenio de Castro, tudo o pincel de Columbano nos apresenta d'uma maneira original, grande. A modelação das cabeças é d'um rigor unico, parece querer desvendar-nos o eu que cada uma encerra.

O retrato em corpo inteiro de Taborda, soberbo, faz *pendant* ao de João Rosa, desenhado com primor inexecvel.

O retrato da viscondessa de Sacavem, que tem a frescura e o avelludado d'um pastel; é adoravel; o busto delicado e gentil destaca finamente da tela, e a cabeça sob o grande chapéu, tem uma expressão animada, encantadora.

É um retrato de superior elegancia com a sobria correcção d'uma obra de arte que mais tarde deve ser guardado, joia preciosa, n'um museu.

Os retratos de D. João da Câmara, de Lopes de Mendonça, Antonio Feijó, Lino d'Assumpção, Coelho de Carvalho, completam esta colleção soberba e se algum como o de Antonio Feijó, é menos vigorosamente expressivo, outros como o de Coelho de Carvalho empolgam-nos com a atracção irresistivel d'uma tela de Zurbarán.

O Camões é obra d'um artista d'alma profunda que sente a aspiração ideal que fazia levantar o peito do grande poeta portuguez. As nymphas que o poeta evoca escutam n'ò, maravilha-as a voz inspirada, que n'um canto sublime e supremo, vae immortalisal-as. O mar é bem *salso mar* de infinita volupia, de brumas que acariciam os sentidos como um beijo d'ondina, é o vasto lençol d'agua espumante e glauco em que brincam as nymphas e que embala os sonhos do poeta. D'uma singular belleza o dorso de mulher que está no primeiro plano, e a figura de Camões, n'uma attitude larga e inspirada domina todo o quadro e desperta no espectador uma commoção vibrante.

Não acho, porém, isenta d'algum defeito esta bella obra; devia ser mais formosa a nymphas que está de perfil; faz lembrar umas figuras de Goya, que decerto não representam as gentis habitantes das aguas. Um tanto pesadas tambem me parecem as nuvens que pairam na atmosphera.

A Virgem da Conceição é um esboceto feito com largueza e simplicidade, e tão idealmente tocado que desejaria vê-la aproveitado pelo pintor para um grande retabulo.

Quando se entra na exposição Columbano sente-se uma impressão profunda, é um delicioso sentimento, mixto de respeito, de orgulho e de alegria. Sae-se com pezar do pequeno recincho. É que na obra de Columbano ha uma porção tão grande

de arte, de ideal e de alma, que só um espirito em demasia frívolo se não apaixona por ella.

Saudemos o illustre artista não esperando por que o futuro tenha de fazer justiça a um talento que é uma gloria para a nossa pobre arte nacional.

B. Sesinando Ribeiro Arthur.

PENITENCIARIA DE LISBOA

(AO EX.^{mo} SR. CONDE DE VALENÇAS)

Tres palavras que se pronunciam com uma indefinida tristeza e profunda curiosidade.

Comtudo, quando visitamos aquelle soberbo edificio, avidos de saber do viver triste e amargurado dos seus infelizes habitantes, que alli soffrem o castigo rigoroso d'uma atroz incommunicabilidade, a historia dos seus crimes nefandos, o aspecto das suas faces maceradas, os pormenores da sua vida passada, a resignação com que encaram o supplicio, como se alimentam, como se vestem, em que trabalham, o que apprendem, que distrações gosam, que arrependimento mostram, que esperanças nutrem, que aspirações possuem, tudo, emfim, que pode satisfazer o nosso insaciavel desejo de indagar, a porta que se fecha á nossa entrada com o som abrupto da sua enorme fechadura, sobressalta-nos o coração, e faz-nos passar uns segundos d'um mau estar, um receio extranho, uma inquietação tal, que, estou certo, ainda não houve quem, por mais curioso que fosse, não sentisse, a primeira vez que alli entrou, um grande desejo de sahir immediatamente, e não dar mais um passo no campo da sua exploração!

Quando se penetra n'aquelle immenso e frio corredor, depara-se nos uma porta ao fundo, baixa, negra, atarracada, esphingica...

E' uma porta lugubre, onde nos parece estar lendo em lettras coruscantes de fogo a terrivel legenda, que Dante escreveu, no terceiro canto do seu immortal poema, sobre a porta horrenda da infernal morada!

E' a bocca negra e esfaimada d'aquelle glotão de malvados, d'aquelle monstro gigante, que, extendendo os seus seis braços de musculatura férrea, pode esmagar sob elles, e d'uma só vez, o craneo e o dorso de quinhentos assassinos!

Debaixo d'aquellas garras aduncas e aliadas, não ha peito que respire livremente, e um homem é um simples instrumento, que se move á vontade caprichosa d'aquelle colosso!

Por entre as hírsutas crinas da sua juba metálica, vê elle, ás vezes, uma nesga do ceo azul e sereno, o mesmo que o cobriu na infancia, quando inconsciente corria sobre a herva viçosa dos campos, enchendo os pulmões do ar puro e vivificador das florestas, no meio dos sorrisos indulgentes dos velhos, que passavam, dando-lhe o nome carinhoso, affavel e meigo de creança!

E se um momento pára na meditação d'uma epoca que não volta, e quer adormecer o cerebro exaltado no suave lenitivo d'uma saudade, um rugido accorda-o. E' uma ordem. Ou a cumpre com a precisão do automato e a submissão do escravo, ou o monstro lhe carrega mais sobre o thorax o seu braço vingativo, e mata o instantaneamente.

Tal é o viver dos desgraçados, que aquella fatal porta separa da sociedade, que os enjeita, muitas vezes depois de os ter pervertido.

Transpondo a, entramos no centro do edificio, d'onde se veem, irradiando, os seis corpos ou alas em que elle é dividido.

Que silencio atterrador!...

Em cada uma d'aquellas pequenas portas lateraes está um condemnado.

Seis passos de comprido por quatro de largo; uma fresta alta, que enche de feia claridade a cella; uma cama e quatro paredes brancas... mudas... eternas...

Quando a luz se apaga, na escuridão medonha e aterrorizadora da noute, cada um d'aquelles quadros é um diaphanorama medonho, onde tripudiam n'om sabbat negro e infernal, as sombras dos desgraçados que elles aniquillaram; onde apparecem, como resurgindo do sepulchro, as esphaceladas victimas, estonteadas da lucta ou feroces de vingança, espadanando ainda o sangue quente que elles sentiram a esgaldar-lhe as mãos na hora allucinada do crime; onde o impio phantasma do remorso desenrola cruelmente o sudario sanguinolento do passado lugubre d'aquellas vidas criminosas!

No silencio d'essas noutes sem fim, os angulos da cella repetem a todo o momento os gritos das victimas, os ais dos moribundos, os lamentos dos amigos, o choro afflictivo das mães, das filhas, das

viúvas, as lagrimas do amor, os prantos da orphanidade, os threnos da desgraça.

A noute é para o remorso, para a recordação; o dia é para a saudade, tambem recordação, mas muito mais doce, ainda que melancolica, que os horizontes rubros ou negros d'um passado horroroso.

De dia vem as gratas recordações da infancia e da adolescencia, os amigos, a familia, os logares, as casas, os campos, as aldeias, os trabalhos, as alegrias, as festas, as dansas, o aspecto da sua habitação, o poço, o cão, o lar, o moinho que fica perto, os pinheirões mais longe, o fumo das chaminés, os comoros cobertos de verdura, as searas douradas pelo sol, os largos horizontes inundados de luz, o declive da montanha, a immensidade do ceo, a pappo, o arado, o ancinho, tudo, emfim, que é vida, e trabalho, e alegria, e amor, essa complexidade de cousas, que, reunidas, nos dão a felicidade, na livre contemplação da natureza, no sociego do espirito, na consideração dos estranhos, no carinho da familia, no orgulho da nossa posição, na consciencia da nossa honra, e no ver desabrochar a branca flor da paz, aos raios do sol augusto e abençoado, que illumina e fecunda os vastos campos do progresso, e se chama liberdade!

Como é bom ser bom, quando mais não seja, para ser livre

Mas a esses desgraçados, que se contorcem nas angustiosas dôres do seu atroz martyrio, a essas pavorosas sombras do mal, que vagueiam como espectros sombrios, a esses elementos de perturbação, que a sociedade alli acorrenta, para que não estorvem o campo da incruenta lucta em que se debatem os elementos do progresso e da perfeição social; a esses cadáveres ambulantes, que jazem n'aquelle cemiterio de vivos, já não é dado aspirar nem de levê os delicados perfumes das floras d'essa arvore santa, excelsa, nobre, gloriosa, que Deus plantou nos rochedos de Sinai, e que a humanidade tem, regalo do seu proprio sangue para se poder acolher á sombra protectora das suas vergontas, illuminadas pelo sol da justiça!

Mais infelizes que o proprio Promotheu — porque esse, apesar de agridhoado ao Caucaso, extendia a vista pela immensidade do ceo, cantavam-lhe em redor as aves compassivas; aureolavam-lhe a cabeça as estemmas fulgurantes da aurora; contemplava o mundo em toda a sua grande formosura; chorava sobre elle o ceo no orvalho da manhã, acariciavam no as auras da tarde em doces abraços de despedida, choviam, á noute, sobre elle os raios das estrellas, e a lua envolvia-o no seu manto de tulle, em doce afago maternal!

Mas alli tudo falta; não ha aves, nem lua, nem flores, nem perfumes!

No fim d'aquelles braços ferreos o monstro abre a garra de doze dedos.

Quando para alli se chegavam, vêem mais um bocado de ceo, por meia hora...

Chamam-lhe por ironia — passeios.

Quando voltam, mais tristes do que fôram, depara-se-lhes um espectáculo soberbo, uma visão encantadora, uma edificação aérea e divina, um quadro maravilhoso e deslumbrante, que elles contemplam enlevados, n'uma attracção indefinida e mystica, que os faz esquecer por minutos a sua vida desgraçada...

E' a capella.

Está alta, muito alta, tão alta como o ceo, d'uma belleza etherea, celestial, phantastica, infavel, d'uma alegria que destoa de todo aquelle conjuncto sombrio e triste!

Como a arte foi provida em levantar aquelle logar eminente, para fazer d'elle a habitação de Deus!

Como aquella architectura é simples, como são vivas e bem combinadas as côres dos arabescos que escondem os cimentos, como tudo alli contrasta com a frialdade symetrica das duas ordens de galerias de ferro de cada uma das alas, e com a decoração sepulchral das cellas destinadas cada uma a abrigar um homem!

Aqui ha tudo! luz, perfume, unção... Um não sei que, que os deslumbra, que os encanta, que os embriaga, que os faz sentir um rapido mas delicioso esquecimento.

E não é só a idéa de Deus, a quem esse logar é consagrado, que me enthusiasma e commove, ao contemplar essa maravilhosa concepção; é ainda mais a arte, a eterna sacerdotisa, que queima em holocausto o coração dos seus idolatras, pela maneira como comprehendeu que n'uma jaula d'aquellas, só alli, bem alto, dominando todo o edificio, impondo-se pela grandeza majestosa da sua forma, e pela irradiação da sua formosura, é que se devia erguer, sereno, calmo, simples e puro á adoração de taes hyenas, o altar da Divindade!

Visto uma vez, nunca mais esquece!

Aquellas almas rudes banhadas no vicio, na maldade, na descrença, na desillusão, sem um peito amigo a que se encostem, sem uma mão benéfica e caridosa, que lhes enxugue as lagrimas de desesperação ou de arrependimento, sem ouvirem uma unica palavra de consolo e de esperança, não de sentir-se attrahidas para esse vulto melancolico, que do alto da cruz lhes estende os braços, como para os abraçar a todos, chegal-os a si e dizer lhes meigamente, ao ouvido, as sublimes palavras de conforto que ninguem mais lhes podia dizer!

Todos os reclusos ouvem missa ao mesmo tempo, cumprindo os mais rigorosos preceitos da incommunicabilidade; tal é o assombroso plano, que presidiu a essa construcção admiravel!

Nada mais commovente do que este acto religioso!

Tudo; aquelles homens perdidos e asquerosos; aquelles espiritos repletos de idéas diabolicas; aquelles peitos scepticos; aquelles olhares ferinos; aquella caterva de malvados, de incestuosos, de incendiarios, de bandidos, de ludrões selvagens e truculentos, de comediantes infames, de devassos ineptos, de assassinos brutos, de monstros de crueldade; todo aquelle mundo torpe e abjecto; toda aquella chaga immensa e cancerosa; todos aquelles animaes de más idéas, de maus habitos, de maus instinctos; todo aquelle mundo, emfim, de velhacos, de traidores, de loucos, de allucinados, de imbecis, de mysanthropos; ajoelha, no meio do mais profundo silencio, deslumbrado pelo aspecto majestoso do sublime altar!

Nos cirios tremem as luzes inquietas e amarelladas, o padre recita, em voz alta, os santos versículos do evangelho, o incenso eleva-se ao ceo em densas espiraes, a cerimonia tem todo o vago perfume de incomprehensivel mysterio, e, vê se subir, lentamente, nas mãos do sacerdote, parecendo dirigir se ao infinito, a hostia delicada e branca, deante da qual teem ajoelhado, em fervorosa oração, milhares e milhares de gerações catholicas...

E quando o orgão, na sua toada triste e plangente, espalha uma harmonia maviosa e dulcissima, que enche todo o ambiente e se repercute ao longo das alas, quando sobre as cabeças de tantos infelizes caem, como bençãos de Deus, as cadenciadas notas d'uma composição inspirada e bella, dos olhos abstractos d'aquelles desgraçados vêem-se correr muitas e muitas silenciosas lagrimas.

Que são ellas?

Quem foi arrancar esse balsamo santo áquelle tremedal immundo?

Quem fez sahir essas gotas divinas d'aquelles rochedos tão aridos?

Porque é que elles choram?

E' porque no espirito do homem, por mais perverso que elle seja, ha sempre, mais ou menos, uns momentos d'uma quietação inconsciente, d'uma contemplação abstracta, d'um mysterioso e indefinido mysticismo, que o faz voar impellido pelo sentimento innato da sua inferioridade, ás ethereas e infinitas regiões, que o amor enche, que a fé exalta, que a Divindade illumina!

E' porque a arte ha de ser sempre a eterna medianeira entre o homem e Deus, e a musica é a que mais nos dá uma vaga idéa do ceo.

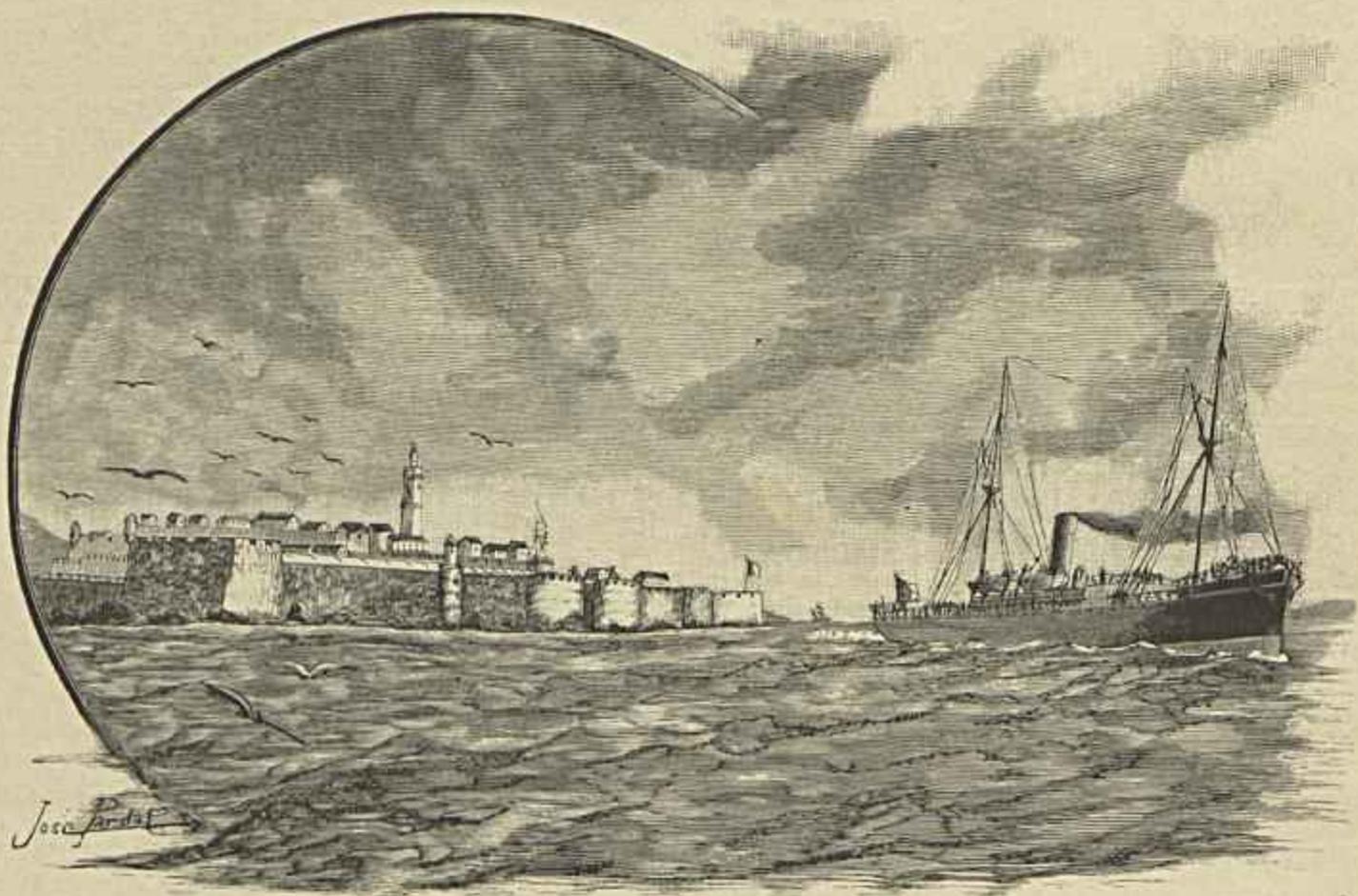
E' porque a arte é a crystalização da idéa, e cada lagrima d'aquellas é a synthese d'um sentimento que elles possuem, sem saberem d'onde lhes veiu.

Comtudo ha alguns que ainda não choraram, e eu direi sempre como Christo; *Beati qui lugent*

Depois d'esses minutos de adoração, de paz, de esquecimento, vão para a officina, onde encontram um outro Deus, que tambem lhes estende os braços amorosos, e lhes prega aos ouvidos o sublime evangelho da religião social, em que a trindade é a honra, a liberdade, a independencia; templo o mundo; altar a officina; biblia a sciencia; força a vontade; premio a gloria; ceo o lar; idolo a paz; lux a razão; thuribulo o amor; padres os sabios; orgão os canticos da posteridade, e descanzo o somno eterno do tamulo!

Esse Deus, perante o qual o passado se glorifica, o presente se exalta, o futuro se enriquece!

Esse gigante, que tudo domina e subjuga á sua voz imperiosa, desde os montes que se abaixam humildes á mercê da sua phantasia, até os mares que se desviam ao sabor da sua vontade; desde as moles de granito, que se transformam em estatuas sagradas do seu templo augusto, até ao ferro das minas, que se curva reverente, sobre os rios, para que sobre o seu dorso herculeo, passem, entoando os hymnos de victoria, as locomotivas...



O VAPOR «ANGOLA» CONDUZINDO OS EMIGRADOS BRAZILEIROS PARA PENICHE

(Desenho do sr. José Pardal)

tivas triunfantes, imponentes, gloriosas, que percorrem, como sangue das nossas veias, as suas linhas d'aço, que são as artérias da nossa civilização.

Esse Deus, que elles desprezaram, ou não quiseram conhecer, e que, esquecendo todo o passado, lhes abre também os braços como o Deus do Evangelho, e lhes segreda nos ouvidos com a eterna phrase de Michelet, o grande Moysés moderno — *Eu sou o unico amigo, que vos resta, nas sombras tristes d'este abandono. Abraçem-me e dormirão tranquillos!*

E elles, então, apertam-o bem ao seu coração opprimido, reflectem na predestinação do seu infeliz destino, e alguns creem, pela primeira vez na vida, que o trabalho é o primeiro dos bens, o principio da virtude, a fonte da alegria, a garantia da independencia, a estabilidade do lar, a estrella, enfim, que illumina o céu azul da esperança, e os asperos caminhos da vida, que nos levam á conquista gloriosa do vello d'ouro da nossa felicidade.

Libanio Baptista Ferreira.

PENICHE E OS EMIGRADOS BRAZILEIROS

Chegou a Lisboa, no dia 31 de maio, o vapor *Angola* conduzindo a seu bordo os emigrados brasileiros, em numero de 148, que tantos são os que se conservaram a bordo dos navios de guerra portuguezes (*Mindello* e *Afonso d'Albuquerque*) que lhe deram guarida, e d'onde não conseguiram fugir.

Estes emigrados, conduzidos de Montevideo, pelo vapor *Pedro III*, á ilha da Assenção, embarcaram d'alli para bordo do *Angola* que os conduziu a Lisboa.

Entre os 148 emigrados, cujos nomes vamos mencionar, conta-se um bom numero de portuguezes, como se verá.

Os emigrados brasileiros são:

Contra-almirante dr. José Pereira Guimarães.
Capitão de fragata dr. Gualdino Cicero Magalhães.
Medico civil dr. Daniel d'Almeida.
1.º tenentes Thomaz de Medeiros Pontes, Francisco Pardeos da Costa Lima, Silvio Pellico Belchior, Olympio Pereira Gomes, Luiz Thomaz Pereira da Rosa,

Octacilio Nunes d'Almeida, Alipio Dias Calonna, dr. Afonso Henriques de Castro Gomes, dr. Thomaz de Aquino Gaspar.

Guardas-marinhas Mario Barman de Borges, Arthur Torres, Antonio Candido Carvalho, José Joaquim Brandão dos Santos.

Commissarios José Marianno de Faria Dias, Manuel Marques de Faria.

Aspirantes Ernesto Frederico da Cunha, Alexandre Messeder, Mario de Castro Menezes, Candido d'Andrade Dortas, Trajano Augusto de Carvalho, Arthur da Costa Pinto, José de Lima Campello, Guilherme d'Azambuja Neves, José Antonio Lacerda, Octacilio Pereira Lima, Luiz Pereira Pinto Galvão, Augusto Durval da Costa Guimarães, José Mattoso de Castro e Silva, Antonio A. Monteiro Chaves, Oscar O. d'Assis Pacheco.

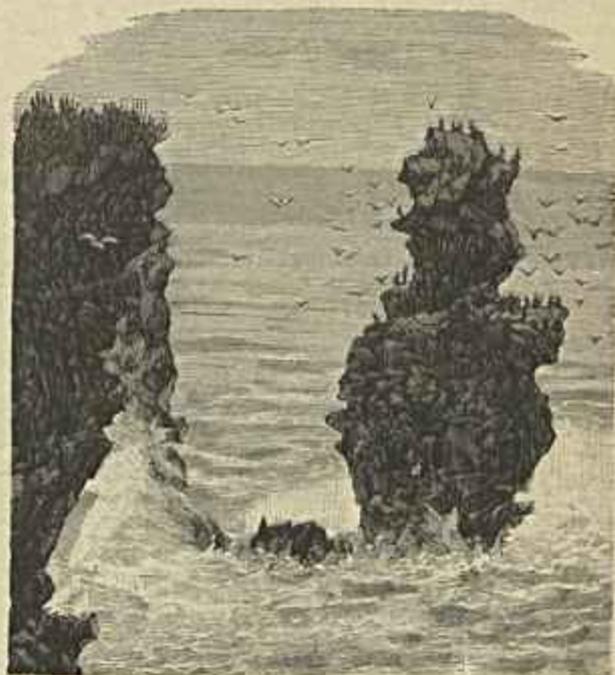
Alfere da guarda nacional Julio Cesar de Carvalho Lobo.

Officiaes da marinha mercante Henrique Lender, José Augusto Ribeiro, Thadeu da Silva Castro, Manoel da Silva.

Varias classes Victor Lazaro Rodrigues, José Francisco dos Santos Paes, Casimiro Hermenegildo Pinto Luiz Paulino de Carvalho, Sebastião Ferreira do Nascimento, João Marques de Assis, Francisco L. Chagas, José Sant'Anna Romão Gonzaga, Jacinto Nunes dos Santos, Pedro José Ramalho, Thimoteo Borges Ferreira, José Marques de Abreu, Christovão Fernandes, João Pereira d'Oliveira, Antonio José da Silva, Silverio Gomes da Silva, Pedro de Sousa Portugal, Norberto Leopoldo dos Santos, Filomeno do Espirito Santo, Arcindo Antonio Correia de Oliveira, José Querino de Brito, João Guilherme da Silva, Tiburcio da S. Gomes, Felizardo Guerra, Deodado Ramos dos Santos, Bebiano Luiz Vicente, José Manuel Barreto, Luiz Paulino da Silva, João Pereira do Nascimento, Estevão de Lima, Claudino José da Silva, João Silvado Brazil, Manuel Valerio do Nascimento, Antonio Paulo das Neves, Tertoliano Correia, Manuel Orraca, João Capistau, Franco Joaquim Ribeiro, Thomaz da Cruz Ferraz, Manuel Rodrigues Chaves, José Antonio, Manuel Antonio, Agostinho Ventura dos Santos, José Antonio Ribeiro, José da Rocha Moreira, Joaquim de Jesus, Thomaz Maciel, Liberato Gomes de Mattos, Manuel Fernandes, João Gomes Ferreira, Francisco José de Sousa, Paulino de Oliveira, Octaviano Gomes Padilha, João Franco, Julio Martinez, Secundino Franco, Mariano Cardona, Carlo Francesco, Antonio Conrado, João Pedro Hegnot.

Os emigrados portuguezes são:

Tenente da guarda nacional João Castro Noval, Francisco da Silva, Manuel Pereira Sardo, Antonio Pereira dos Santos, Antonio José da Silva, Francisco Mendes Lopes, Manuel da Agonia, Paulino Lopes de Andrade, Joaquim da Costa Freitas, João Joaquim de Azevedo Junior, Antonio Mendes Carneiro, Francisco Raphael Lopes, Augusto José Mendes, José Gonçalves Duque, Agostinho Rodrigues, Bernardino Gonçalves Duque, Manuel dos Passos, Manuel Pereira Gomes, Joaquim Luiz da Silva, Augusto Trindade, Christovão Ferreira, Joaquim Teixeira, João da Cunha Peixoto, Roberto Pinheiro, José Pinto Soares, Adriano Abilio Pessoa, Francisco dos Santos, Gomes, Alexandre Caetano, Manuel de Lima, Antonio Tiberio de Sousa, José Theodoro dos Santos, Antonio Dias, Francisco dos Santos, Francisco José Santiago, João Francisco Ribeiro, Antonio



O ROCHEDO DA «PAPÓA», EM PENICHE

(Copia de uma photographia)



A CIDADELLA DE PENICHE

resultado da lucta que se travou, quando os emigrados pretenderam fugir de bordo da *Affonso d'Albuquerque*.

No dia 2 do corrente seguiu o Angola para Peniche, onde foi levar os emigrados destinados áquella praça, á excepção de 18 officiaes, que ficaram a bordo do *India*, e dos doentes que recolheram ao hospital, os quaes foram depois para a praça d'Elvas, por não haver em Peniche aquartelamento conveniente para estes officiaes.

Os emigrados que foram para a praça d'Elvas, tem sido ali muito bem recebidos, procurando os habitantes d'esta cidade minorar quanto possível as agruras do exilio a estes nossos irmãos, franqueando-lhes as salas dos seus clubs e obsequiando-os em tudo que está ao seu alcance.

Tratemos agora de Peniche, que n'estes ultimos dias tão fallado tem sido, tanto pela esplendida exposição de rendas de sua industria, realisada nas salas da Sociedade de Geographia de Lisboa, em beneficio dos pobres pescadores para quem a pesca, seu unico ganha-pão, tem corrido mal, mas ainda por ser a praça de Peniche uma

das escolhidas para aquartelamento dos emigrados brazileiros.

Peniche está situado na costa do oceano, em uma península a 39° 24' de latitude N. e 1° de longitude O. e 83 kilometros ao O. N. O. de Lisboa.

Tanto Peniche como as Berlengas foram habitados desde os tempos primitivos, e considerados sempre como pontos de boa defeza, pelas condições naturaes da sua collocação. E' assim que alguns auctores dão á villa de Peniche a origem de ser formada por algumas familias lusitanas, que fugindo ás crueldades de julho Cezar Augusto, se refugiaram em Peniche, onde se fortificaram para a resistencia.

Deixando, porém, estas epochas mais remotas, encontramos que os primeiros alcaides-móres de Peniche foram os senhores, depois condes de Atougua da Baleia, os quaes eram tambem donatarios da villa, o que assim se conservou, não tendo a villa foral.

E' n'esta familia donataria, que se encontra o mais notavel donatario de Peniche, D. Luiz de Athayde, vice-rei da India (1)

Foi no reinado de D. João III que se fizeram as primeiras fortificações em Peniche, principiando pela magnifica cidadella, em 1557 e concluindo-se depois as obras no reinado de D. Sebastião, tendo concorrido para isso bastante os bons officios de D. Luiz d'Athayde.

Entretanto, só no reinado de D. João IV foi considerada esta fortificação praça de guerra de primeira ordem, ampliando-se ou concluindo-se então todas as obras de fortificação.

D'esta praça faz o nosso presado amigo e distincto collaborador, o sr. Bartholomeu Sesinando Ribeiro Arthur a seguinte descripção:

«A magistral da fortificação não interrompida de Peniche, mede 2:250 metros, apresentando na parte correspondente ao istmo uma curva de 140 metros de flecha, tendo para fóra a parte con-

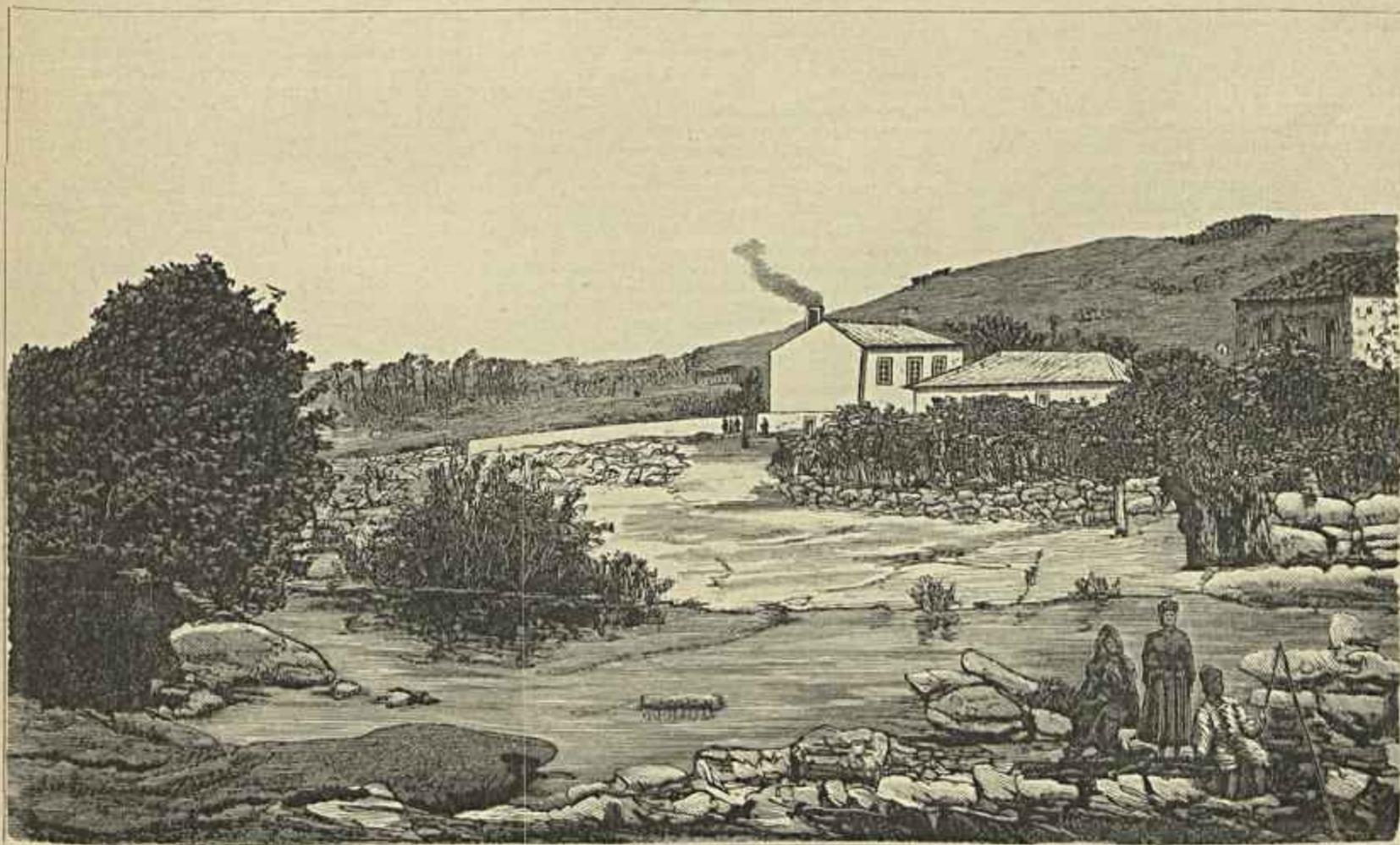
(1) Vid. «Occidente» vol. 3.º pag. 142 e 152.

Thomaz Martins, Domingos Antonio Borges, Antonio José Pires, João Baptista, João Baptista Teixeira, Leonardo Ferreira da Silva, Antonio Baptista, João de Lima, Francisco Antonio, Antonio de Sousa da Silva, Francisco Madeira, Domingos Soares, Francisco Rodrigues, Manoel José Marcelino.

Além d'estes vieram ainda a bordo do *Angola*:

7 tripulantes do vapor *D. Pedro III* e o seguinte pessoal da nossa armada: os srs. dr. João Lopes do Rio, 2.º tenente Jayme F. Monteiro, engenheiro Manuel Diogo Lavrador, 1.º sargento Francisco M. Negrão, enfermeiro Luiz Maria Mendes, Leocadio Martins e 66 marinheiros.

Alguns d'estes veem doentes e com ferimentos,



UMA PAISAGEM DE PENICHE

(Cópia de uma photographia)

JULIO CESAR MACHADO

(Concluido do n.º 556)

cava e apoiando as suas extremidades nos dois mares do sul e do norte, abrangendo uma extensão de 1,200 metros: dos extremos da curva segue a fortificação para o norte e para o sul em volta da península.»

«Esta linha de fortificação é reforçada do lado do sul por um forte denominado das *Cabanas* e pela *Cidadella*; e do norte pelo forte chamado da *Luz*, que está em ruínas. A península ainda tem no seu contorno mais dois pequenos fortes, em dois pontos de desembarque, que se conhecem por *Portinho de areia* do norte e do sul, e ainda forte da *Victoria* no Cabo Carvoeiro. A praça está n'uma extensão de 550 metros do lado do norte completamente rota na magistral; a muralha da escarpa foi derribada pela base; não ha contra-escarpa e o fosso está entulhado.»

«Os fortes destacados em volta da península são: do lado da terra e ao sul, o de *Nossa Senhora da Consolação* e do lado do mar o forte de *S. João Baptista da Berlenga*, que constitue uma avançada importante. Parece que no Baleal também houve uma obra avançada de que não ha vestígios.»

«Na cidadella assim como em toda a praça o systema geral da fortificação é o de Vauban, o qual na sua applicação ao terreno deu um traçado irregular. Do lado da terra a cidadella está cercada por um fosso bastante largo e do respectivo caminho coberto, sendo a sua entrada feita pela cortina do campo denominado da *Torre*, e coberta por um revelim sobre cuja porta se lê esta inscripção: D. João IV. 1645. Esta entrada faz-se por uma portaria seguindo-se uma ponte fixa de alvenaria de quatro arcos e depois uma outra ponte também fixa de madeira com o vão de 4,5 metros.»

«Sobre a ponte principal vêem-se as armas portuguezas, nas quaes depois da invasão franceza foram embotidos os sete castellos e os cinco escudetes que tinham sido arrancados pelos invasores em 1807.»

Tem, em varias épocas, sido feitas algumas obras no sentido de restaurar e conservar as edificações d'esta praça, no entanto algumas se acham em ruína.

O armamento da cidadella, consta de 70 bocas de fogo, sendo 35 peças de bronze, 36 de ferro e 5 obuzes. Tem 4 armazens de material de guerra.

Nos seus quartéis podem se aquartelar 300 homens.

A villa de Peniche é muito pittoresca e das suas eminencias desfructam-se lindas vistas, quer os olhos se alonguem pelo oceano quer para a terra.

As mulheres usam em Peniche um traje que parece ter sido importado do Algarve, e consta de um capote com seu cabeção, com o qual dão volta por sobre a cabeça fazendo um capuz alongado para a frente em forma de cone de modo que podem vêr para fora sem que lhe vejam a cara.

Alem da pesca, que constitue a principal industria dos habitantes de Peniche ha ainda a industria das rendas, em que se empregam as mulheres. Esta industria que vem de longa data, tinha cahido em certo abatimento, de que, nos ultimos tempos, tem procurado sahir, dando maior desenvolvimento as rendas e aprefeiçoando-as de modo a poderem entrar nos principaes mercados.

A ultima exposição realisada é uma prova d'aquelle aprefeiçoamento e desenvolvimento, por meio de novos padrões de elegantes desenhos.

Esta industria bem aproveitada pôde suprir a falta de agricultura do termo de Paniche, devida ao seu terreno de areial.

Falta referirmo-nos ao morro da *Papôa* denominação dada ao rochedo, em forma de pyramide que a nossa gravura representa.

Bastantes naufragios se tem dado junto a este rochedo, naufragios de que se conservam vestígios por toda a costa sobre que se estende a praça.

Um dos mais notaveis d'esses naufragios, foi o do galeão hespanhol *S. Pedro d'Alcantara*, occorrido em 1786, que vindo de Calau do Lima para Cadiz com um importante carregamento de prata e de ouro em barras e baixellas do valor de setenta e dois milhões de cruzados (vinte e oito mil e oito centos contos) naufragou nos rochedos da *Papôa* pelas 11 horas da noite de 2 de fevereiro, morrendo 300 pessoas das 470 que trazia a bordo e perdendo-se quasi a totalidade do carregamento de que apenas se salvou parte insignificante.

Por muito tempo ali o povo colheu alguns valores que o mar arrojava, procedentes d'este horrivel naufragio.

Ainda, no anno passado, ali naufragou o vapor inglez *Roumania* com grande perda de vidas e de mercadorias.

N'esta triplice tragedia, a que Lisboa assistiu, ha quatro annos, talvez haja um caso de atavismo a estudar — não n'elle, no honrado pae, mas no filho. Não é isso para aqui. Aquelle filho, estremeado até á loucura, não correspondeu nem ao exemplo do pae, nem ao ideal que este para elle formara. Frágil, fragilissimo barro, de que elle na sua alma fez um deus, — imagem indigna de semelhante altar! E tanto o estremeia, que tinha ciúmes d'elle, a ponto de se affrontar, quando alguém lh'o acariciava! Já conheci outro exemplo. Preveniram-me d'isso, mas nas duas unicas vezes que os encontrei juntos, foi Julio Machado, como sempre, da maior urbanidade commigo; e eu, apesar das minhas amabilidades, não tive que extranhar os excessos, os assomos intempestivos do seu amor paterno.

O escriptor, que, durante tantos annos, foi o mais elegante e gracioso chronista da vida portugueza contemporanea, aprendera muito d'essa sciencia, toda experimental, que se estuda nos homens e nas mulheres, no amor e na amizade: revela-se nos seus livros o fino observador na visão justa que elle tinha dos phenomenos da vida. A's vezes penetra fundo, expõe-os, e explica os, como mestre. Valia a pena vel-o também por esta face do seu talento, mas falta-me o espaço; e o leitor talvez me não acompanhasse, achando singular esta idéa de eu procurar n'um folhetinista um philosopho. E, a final, não seria senão uma compensação, porque não é raro buscarmos um philosopho, e sair-nos um folhetinista!

Aprende muito, mas não aprendeu a duvidar. Também é uma sciencia, esta da duvida. Um dos que a possuiu foi Theophilus Gautier — um poeta, um crítico, e também um folhetinista. Formulou-a n'uma affirmativa. *Tudo pode ser* — dizia elle. Se Julio Machado tivesse chegado a esta conclusão, talvez... E d'ahi — quem sabe — a fatalidade organica em certos individuos, ás vezes é inexoravel, os seus actos são a consequencia mathematica da perversão das faculdades, e não ha fugir-lhe. Felizmente são raros esses casos. Refiro-me ao filho.

Ha nos *Apontamentos d'um folhetinista* o retrato d'um homem «alto, elegante, de physionomia suave e intelligente, mãos compridas e delgadas, dedos finos, e o indizível quê da seducção nos olhos, no sorriso, nas maneiras... Nem era fidalgo, nem descendia de nobres, mas tinha a nobreza que dam a intelligencia, a physionomia, a figura; havia n'elle o *quid* da superioridade, o tom especial do gosto... era um *gentleman*, um *senhor*.» Feito pelo homem com as impressões da creança — Julio Machado tinha oito annos no momento a que se refere — este retrato é o de seu pae. Os que o conheceram, dirão se o amor filial foi quem dirigiu a mão do artista, ao traçal-o, e se o retrato não é superior ao original, mas o que nós sabemos, por elle nol-o dizer, é que seu pae «vivera, divertira-se, despendera tres fortunas» no florescer da mocidade!

Isto que elle escreveu, esta terrivel e devastadora paixão pelos prazeres da vida mundana, nunca o seu coração amante de pae lhe deu rebate de que possede refflorescer, mais vigorosa, no filho dilecto da sua alma. E' que entre elles interpunha-se aquelle veu denso do amor, commum aos paes e aos amantes; era como um espelho de duas faces, na voltada para elle via o desgraçado pae a figura ideal, o ente sonhado, mas no reverso estava o verdadeiro, o real, que elle não podia ver.

Pouco antes do tragico desfecho — não posso precisar a época — encontrando-me com Julio Machado no Aterro, e fallando se de viagens, disse-me elle:

— Tu não tens viajado. E' bom ver. Eu agora tenciono dar um passeio até Pariz. Não é por mim, que eu já conheço aquillo, mas é para o meu rapaz.

O desgraçado não foi talvez a Pariz, mas encontrou aqui a Tentação do Mal! Essa encontra-se em toda a parte.

Toma cautela, não realizes o teu ideal — é um proverbio arabe, que elle nos citou, escrevendo de Campos Valdez, que acabava de morrer. E elle proprio matou-se, por já não poder realisar o seu! O philosophia humana! Chimera, vaidade, furo!

Quando tu viste o filho, o amado da tua alma, no leito banal dos suicidas da rua, e turbada a mente, turvos os olhos, lhe encaraste o rosto pallido, ensanguentado e agonisante, n'esse lance, pa-

ra ti o unico nunca esperado, que dôr seria a tua, pobre pae! Com gritos, soluços e lagrimas, falla n'esses momentos o coração atribulado... A dôr eloquente é falsa; a verdadeira, essa é muda.

Passado esse momento tragico e dolorosissimo vi-o um dia, de longe: saía elle do Instituto. Caminhavamos um para o outro, mas elle pareceu evitar-me. Compreendi e respeitei a sua dôr. Principiava já talvez a agital-o, a abalar lhe o animo, a grande tempestade, a do supremo naufragio!

Ha imbecis que têm a ferocidade bestial e inconsciente dos tigres! Accorda os o cheiro do sangue, enfurece-os a carniça, mas como têm a covardia dos chacaes, escondem se na sombra e ahí se repastam nos cadaveres. Ouvi que a Julio Machado, depois da morte do filho, lhe tinham escrito... Mas para que fallar n'isto? Se é verdade, e elles podem ter um vislumbre de consciencia, estão castigados; se a não têm, não ha na terra punição bastante para tal perversidade! Foram esses que o mataram!

Agora mais umas palavras. Temos o costume de enterrar muito bem os nossos homens illustres. Muita terra sobre o seu cadaver, e o esquecimento sobre a sua memoria! Logar aos vivos, que a praça é pequena. Aos mais thuribulados, aos mais queridos e amados, apenas mortos, arrumamol os no grande armario dos velhos deuses, e a totalidade dos escriptos dos mais celebres, se elles não tivessem o cuidado de, em vida, se fazerem imprimir em volume, ficaria por todo o tempo jazendo na grande e sumptuosa, mas deserta, necropole do jornalismo que passou! — Nós não morreremos — disse-me elle um dia, mas se o nome não morre, a obra esquece, dispersa pelas folhas do jornal, como desaparecem no pó as folhas das arvores arrancadas pelo vento do outono.

Com essas paginas soltas, espalhadas aqui e alli, um editor, verdadeiramente artista, fara alguns volumes, e fará também um serviço aos que estudarem depois a sociedade do nosso tempo. Entre esses escriptos — de todos os generos — ha uma serie de retratos de contemporaneos — mortos e vivos — que se destacam nas obras do notavel folhetinista, e que nos revelam uma nova face, mais do que isso, quasi um homem novo, e para todos desconhecido: deu-lhes elle o titulo de *Notas para o dicionario dos portuguezes notaveis do meu tempo*. Uns são finos, elegantes e espirituosos — como o de Antonio da Cunha Sotto Maior; outros estão desenhados, em quatro traços, com a graça e o chiste comico e travesso do lapis d'um caricaturista. E estes pertencem, uns e outros, á sua *maneira* habitual, mas o de Herculano é d'outro estylo. No meio d'essa galeria d'obras ligeiras destaca o vulto do grande historiador. A paleta é diversa — o pincel severo e magistral.

«Um dia — diz Julio Machado — principiou a aze-dar-se-lhe o genio; começou a descançar no caminho; pareceu, de alguma vez, voltar atraz: o intento lá estava... Elle, porém, é que não era homem de se moldar á theoria do *deixar ir*; enjoava-o a impudencia triumphante, a moeda falsa a correr como boa e desacreditando esta, n'uma sociedade em que parecer vale mais que ser, que pactua com o merecimento falso, com a falsa virtude, com a consideração falsa; fechando os olhos, tapando o nariz, e alargando a praça da gente de bem para deixar circular os especuladores... Repugnava-lhe o nada de todas essas mentiras, que representavam o papel principal no destino das nossas coisas, cobrindo a impotencia e os maus designios com os nomes mais sonoros... Dominara outr'ora, na grande epocha do entusiasmo portuguez pelas letras, tempo em que não se olhava para tudo com a frieza da inhabilidade ou do desdém. Os successos memoraveis, proprios para terem influencia na marcha da civilização inspiravam então os escriptores. Havia um culto exuberante por tudo, que fosse attrahente e bello! A figura litteraria de Herculano levanta-se, magestosa, no primeiro plano d'este quadro.»

Leiam todo o artigo, e verão justificada a nossa admiração.

É surprehendente a transformação do estylo, a extranha severidade dos conceiros. Ninguém diria que a penna ligeira do folhetinista poderia traçar aquellas paginas, tão altas e justas, que parecem vasadas nos moldes do grande escriptor!

Ha, na lista das suas obras, uma cujo frontispicio resae d'entre todos como illuminado por uma luz sinistra: é a que se chama *Da loucura e das manias em Portugal*. Assumpto para um medico, improprio d'um folhetinista. Fez-me sempre um effeito singular aquelle titulo de ruim presagio.

Sente a gente como um arripio, ao attentar n'elle!
Lopes de Mendonça tambem escreveu as *Memo-
rias d'um doido!* E não valeram a ambos a alteza
e as graças do espirito, o talento flexivel e bri-
lhante, exercitado na lucta das idéas e das pai-
xões: Ambos acabaram doídos! Dois vencidos da
vida, estes! Um morreu d'essa morte lenta e hor-
rível da demencia, mais cruel para os extranhos,
que a vêem caminhar; o outro viu o sangue ru-
bro, espadanando, tingir lhe tudo em volta, mas a
visão da morte para elle não foi terrível, foi con-
soladora: teve uma morte antiga, fugiu á tyrannia
da dôr, como os philosophos, em Roma, fugiam á
tyrannia dos Cesares; e, sentindo esvaír-se-lhe o
sangue e a vida, ainda poudo, lançando o olhar
derradeiro sobre a imagem do filho, dizer á sua
companheira no sacrificio: — Que bom é morrer!
Pobre Julio!

16 maio — 94-

Zacharias d'Aça.

NO QUINTO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE

Sei que illustres varões, com letras d'oiro,
Tem sabido louvar teu grande Nome!
Que teu merito, emfim, immorredouro,
Zomba do tempo, que nações consome.

Mas, meu pobre talento,
Se nas letras não tem logar seguro,
Hoje, neste momento,
Tambem, preclaro Henrique,
Soltar a voz procuro.

Aceita o canto aieu, embora fique
Esquecido no pó, para o futuro.

Se pomposo jardim recebe a rosa,
Não despresa, por isso, o mais selecto,
O antigo *bem-me quer*, a *secia* edosa,
A humilde *violeta*, a *relva* e o *feto*.

E tu, inclito Infante,
No ramo que primeiro á Patria offeras,
Dás exemplo bastante;
Madeira e Porto Sancto
Com laço d'oiro apertas;

Flores mimosas, do Oceano encanto,
Reunidas tambem com as Desertas!

Do Sacro Promontorio facho activo
De vivissima luz, aos nautas guia,
Tu foste, illustre Henrique; e és o motivo
Da mais brilhante historia e poesia.

Fundam se imperios novos,
Atam-se as relações, ligam-se os povos.

Oh! Patria, Patria! Se os heróes famosos,
E prestantes ao mundo, são teus filhos,
Eu, porque és minha mãe, sou dos ditosos,
Que o reflexo recebem de seus brilhos!

E' justa, é sancta a festa
Com que todos aqui, só á virtude,
Com razão manifesta,
Se tornam tributarios.
A pompa os não ilude

De Alexandre e Pompeu, que, sanguinarios,
A humanidade com horror detesta.

Da minha Patria foi missão sagrada,
— Do Progresso espalhar a luz brilhante. —
Incumbe a Henrique, que uma nova estrada
Abra nas aguas, e que o mundo espante!

Que esse caminho aberto,
A todos apontando a aurora, indique,
Que a India está já perto.
A luz de Sagres chega
Alem do Estreito, o Dique,

Que passou Magalhães! Ninguem já nega
Ser espherica a terra! Oh! Grande Henrique!!

Só dos heróes é mausoleo a historia,
Seus epitaphios as acções lustrosas!
Lá revive o seu nome a par da gloria,
E o mundo os lembra, e lhes desfolha as rosas.

Mas, a louca vaidade
Pássa na terra... como passa a idade!
Sinto o amor proprio q. e o teu Genio inspira,
Sinto orgulho tambem, e até... vaidade,
Ao respirar este ar, que em torno gira,
Que aspiraste ao nascer n'esta cidade!
Cultor intelligente,

No frondoso pomar, que aos Lusos dêste,

Primoroso Presente,
Nas formosas Açores,
Assim, mostrar podeste

A nós, á Europa, ao mundo, a toda a gente,
Que até das ondas nos rebentam flores!
De ti lembrou-se o Adamastor sanhudo,
E ao Discipulo teu franquea a estrada!...

Seu irmão Bojador perdera tudo,
Não soube defender d'África a entrada
Junto ao mar tenebroso,

Que enormes serpes de noventa escama,
Baixo fundo arenoso,
Ecuridão intensa,
Lhe davam nome e fama!

Quem podia affrontar tão firme crença?
Nem tu Bartolomeu, nem tu, ó Gama!

Sim, *Talent de bien faire!* É, Novo Tito,
A mais sancta Divisa, a tua guia.
Em tudo fazer bem, eis o teu fito:
Alicerce da sã philosophia.

Pois, só pôde o talento,
Se é fundado no bem, ter valimento.

Saber, vontade, intelligencia e vida,
São attributos do teu Genio ousado;
Mandaste, e logo, a tua voz ouvida,
Eis d'argonautas esse mar sulcado!

Lá vão as caravellas!
Tudo se anima, o medo se desterra!
Pandas, as brancas veillas
Conduzem nobres almas,
Que o mar jámais aterra!

Curva a cabeça, desatando em palmas
O Bojador com o joelho em terra!!

Homem dos homens! Perceptor de sabios!
De espiritos espirito brilhante!
Bateu-te o coração, abriste os labios,
E á tua Patria, tu, gritaste — avante.

E o povo lusitano,
A' tua voz, por sobre as aguas vôa;
A' Guiné chega ufano,
Progride a humanidade,
Livre o mar se apregôa,

Irradias de luz de heroicidade,
E o mundo inteiro já teu Nome entôa!

Ouve, Oh! Genio immortal, lá d'essa altura,
Em que vives agora radioso,
Manda um raio dos teus, que, um só, satura
O teu paiz, tão pobre, mas formoso!

Dá-lhe brios bastantes,
E o gigante será qual fôra d'antes.

Augusto Luso.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

(Continuado do n.º 556)

Trouxera Villa Real consigo uns quinhentos volu-
mes da sua bibliotheca, deixando em França a maior
parte d'ella, pouco mais ou menos mil e quinhentos.
Aqueles livros, conforme o uso, foram levados, mal
desembarcaram, da alfandega para a Inquisição, a fim
de serem examinados; tocou ao padre-mestre frei
Fernando de Menezes a incumbencia. Procedeu este á
investigação; separou de todos dezeseis obras condem-
nadas no *Index librorum prohibitorum*, além de quin-
ze, que n'elle o não eram, mas que o deviam ser pela
doutrina; e o delato foi chamado á Mesa a depôr a
tal respeito. Occorreu o interrogatorio no dia 7 d'agos-
to, e eis em resumo as respostas de Villa Real: apre-
sentou á Inquisição todos os livros que importou de
França; advertiu ao padre-mestre frei Fernando de
Menezes acharem-se entre elles alguns de auctores
herejes e outros que precisavam expurgados; trou-
xe os defesos porque não poudo escolhel-os com a
pressa da partida; por andar occupado com ella e
ausente de Pariz, devido ás revoltas do Parlamento,
não fez a selecção que devia, e encarregou um criado
de lhe apartar os latinos e francezes, porque lhe
eram mais necessarios para escrever no reino em
certas materias; entre os ditos livros vieram alguns
italianos, por serem impressos em Pariz; tentou na
viagem deitar ao mar os prohibidos, do que o Marquez
de Niza o dissuadiu, dizendo que a Inquisição, a que
seriam apresentados, os extremaria; os que deixou
em França eram catholicos e estampados em Portugal,
Italia e Hespanha; e lera em França alguns dos pro-
hibidos, como os de Machiavelo, Bodin, e Carion,
porque n'aquelle reino se permitia a leitura d'estes
e de outros quaesquer.¹

¹ Villa-Real trouxe d'estes auctores os seguintes livros: de
Machiavelo — *O principe*, — em francez, e as obras completas em
italiano; de Bodin — *De republica* — em francez; de Carion —
*Chronique et Histoire universelle de Draxou premierement par
Jean Carion, puis augmentée par Philippe Melanchton; e — Tertia
pars chronici Carionis à Carlo Magno, ubi Philippus Melanchton
desit usque ad Fridericum Secundum.*

Esta nova culpa veiu aggravar a primeira. Concluiu-
se do depoimento de Villa Real, apesar das suas raz-
ões, que provariam o contrario n'um tribunal mai-
recto, que elle quiz introduzir em Portugal occultas
mente as obras defexas, em prejuizo da fé; que bem
o mostrava trazel-as e deixar em França as catholicas;
e que o pretender lançal-as ao mar accusava a sua ma-
licia. Ordenou portanto o Conselho que se juntassem
estes autos aos mais que houvesse contra o delato, e
que juntos se vissem em Mesa; pediu o promotor a
sua prisão e exame; e deferiram favoravelmente os in-
quisidores; mas o Conselho, antes de tudo, assentou
que se classificasse e censurasse a nova culpa. Dis-
tribuiram-se para isso copias das proposições con-
demnadas do *El politico christianissimo* e das listas dos
livros prohibidos a frei Pedro de Magalhães, frei Gre-
gorio da Gama e frei Gaspar dos Reis, os quaes apre-
sentaram os seus pareceres, aquelles em 25 de Agosto
e este em 2 de Outubro, sendo o primeiro de opinião
que as proposições não mereciam censura theologica
porque, embora contrariassem os procedimentos rigo-
rosos do Santo Officio, como estes não eram artigos de
fé, mas juizos de homens, ficava fora da censura da
fé o extranhel-as, e o segundo e o terceiro que eram
contra a fé, e portanto censuraveis e hereticas. Quanto
aos livros prohibidos, os dois primeiros não encontra-
ram culpa, em attenção a tel-os Villa-Real apresenta-
do e denunciado, e o terceiro opinou que por este
facto atenuava muito a suspeita de heresia contra elle
concebida.

Conhecidos estes pareceres, os inquisidores decidi-
ram (sessão de 7 de Outubro) que se executasse o as-
sento da Mesa de 8 de Junho, isto é, que o delato fosse
recolhido no carcere da penitencia. Apenas o inqui-
sitor Pedro de Castilho discordou da opinião dos seus
collegas, julgando que de trazer Villa Real os ditos li-
vros não resultaria coisa alguma de novo contra elle,
segundo se concluiu dos pareceres dos qualificadores;
que portanto se devia esperar mais prova; e que não
estava alterado o assento do Conselho Geral que as-
sim o determinava.

IV

Presentia Villa Real os ameaços da tempestade que
se avizinava; mas tambem punha alguma confiança
nos serviços tão diuturnamente prestados e em tantas
pessoas de valia e auctoridade, de quem era amigo ou
com quem mantinha relações mais ou menos intimas,
serviços que o perigo imminente e as circumstancias o
obrigavam talvez a continuar com maior fervor, ami-
sades, e relações que de certo por eguaes motivos pro-
curava estreitar. Senão fôramos o seu modo de vida.
De manhã estava ordinariamente no paço; as tardes
passava-as em visitas; e as noites até as oito e nove
horas quasi todas em casa do licenciado João Baptista
Caldeira, sacerdote e amigo seu de vinte e oito annos,
morador na Rua larga de S. Roque, defronte da Cor-
doaria Velha, onde se reuniam João Guterres, o padre
Gregorio de Pina, beneficiado em S. Julião, o doutor
João Correa de Carvalho e outros. Além d'isto, frequen-
tava as casas e o conhecimento do Marquez de Niza,
do conde de Penaguião, camareiro-mor, de D. Antonio
da Cunha, de D. Rodrigo de Menezes, de Ruy Fernan-
des de Almada, de D. Francisco Manuel de Mello, com
quem jantou na Torre Velha, onde este illustre escri-
ptor estava então preso, do doutor João Pizarro, e do
doutor Vicente Foo e de Fernão Peres de Sousa, com os
quaes jantou duas vezes na quinta que foi de Simão de
Sousa, em Alcantara, em companhia dos ditos licen-
ciado Caldeira e do padre Gregorio de Pina; e, a ser
verdade o que dizia um dos assentos inquisitoriaes que
resumimos, o que é provavel, procurava amparar-se
contra as iras do Santo Officio acolhendo-se á pode-
rosa sombra da Companhia do Commercio.

(Continua)

Ramos-Coelho.

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Continuado do numero 555)

O *Wadington* é um barco submarino planeado
por M. Wadington, inglez, lançado ao mar em
Seacombe, proximo de Liverpool, em 1886. Tem
a forma d'um fuso e mede 11, m 27 de comprimen-
to e 1, m 83 de diametro maximo.

O motor é a electricidade contida em accumu-
ladores, a qual lhe pôde dar a velocidade maxima
de oito milhas. Com a velocidade de quatro mi-
lhas por hora tem aprovisionamento para trinta e
cinco horas de trabalho.

Mette agua para servir de lastro e dar immersão
conveniente, sendo os movimentos no sentido
vertical determinados por dois lemes horizontaes
que tem lateralmente a ré, e por meio de quatro
hlices horizontaes que manobram em dois tubos
abertos nos dois extremos, os quaes atravessam
o barco verticalmente, um a norte outro a ré.

Na parte superior e a meio proximamente, tem
uma pequena cupula com o, m 30 de altura e o, m 35
de diametro, gnrnecida de vidros.

Tem dois homens de guarnição e é armado com
dois pequenos torpedos automoveis e um torpedo
de mina.

Estê barco não pôde manter-se parado debaixo
d'agua.

O *Peace-Maker* é um barco submarino planeado
por M. Tuck, cidadão americano, construido e
lançado ao mar em 1886 em New-York.

(1) Recitada pelo auctor na sessão solemne, celebrada
na Bibliotheca publica do Porto, por occasião das festas
Henriquinas.

Este submarino mede 9^m, 15 de comprimento, 2^m, 68 de largura maxima e 1^m, 83 de altura a meio.

Na parte superior tem uma pequena cupula com 0^m, 20 de altura e 0^m, 35 de diametro, guardada de vidros ou vigias.

O motor é o ar comprimido, accionando um helice na pópa, o qual lhe dá uma velocidade media de seis milhas por hora.

A imersão e emersão fazem-se admittindo ou expulsando agua, e manobrando convenientemente dois lemes horisontaes que tem aos lados, na pópa.

(Continúa)

Gromete.

que os ligam, com verdadeira alegria nossa, tanto mais depois da serie de complicações diplomaticas, que n'estes ultimos tempos tem asoberbado Portugal de envolta com as difficuldades internas.

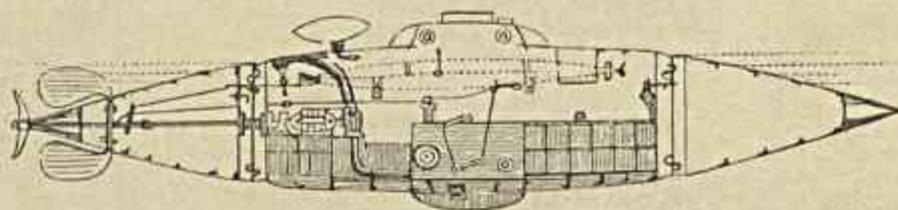
Para aplanar essas difficuldades lembrou-se o partido progressista, chrisnado á ultima hora com o nome de *União Liberal*, de metter o paiz em aventuras, com fumaças de patoleia, pretendendo levantar as massas contra a dictadura que addiou a abertura do parlamento para outubro, como já aqui se disse; o paiz porém, apesar da insanía politica em que se tem andado, ainda não perdeu de todo o juizo, e os patoleias da ultima hora, conseguiram pouco menos que um completo *fiasco*, no

Que duvidas poderão haver n'isto, depois dos discursos pronunciados na reunião das Portas do Sol?

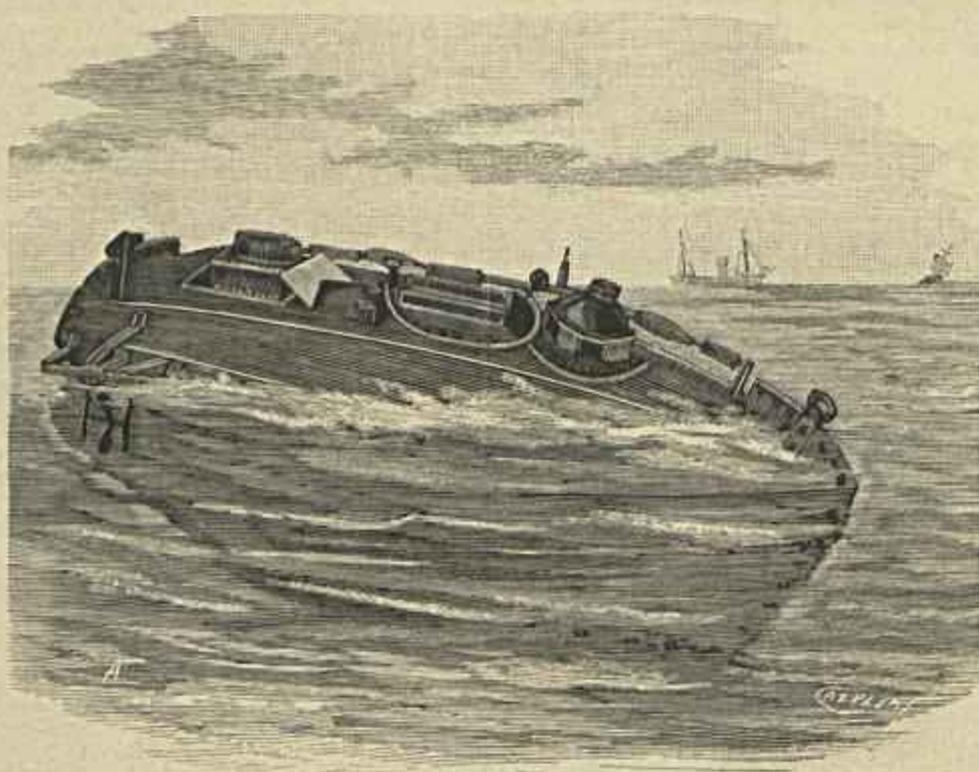
Com que sinceridade e com que convicções combatem os novos patoleias a dictadura actual, se elles annunciaram no seu programma requeitado, a reforma da carta, e das leis eleitoraes n'uma outra dictadura que fariam? Se reconhecem que só com dictaduras se podem fazer reformas, porque se mostram tão zelosos das prerrogativas parlamentares que, desgraçadamente estão tão desprestigiadas?

Se entendem que o parlamento, como elle é feito, é que só tem auctoridade para legislar e para apoiar ou derrubar governos, porque não se reservaram para no parlamento combaterem o go-

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES



O SUBMARINO WADINGTON



O SUBMARINO PEACE MAKER



REVISTA POLITICA

Segundo as informações do *Memorial Diplomatique* está prestes a ser resolvido o conflicto diplomatico entre Portugal e Brazil, de que o governo inglez é o medianeiro entre as duas potencias.

Como garantia d'esta noticia e das boas disposições em que se vae encontrando o governo brasileiro para com Portugal, já foram levantadas as quarentenas impostas nos portos brasileiros ás procedencias de Portugal, passando aqui o respectivo consul, o sr. Vieira da Silva, carta limpa aos navios que se destinam ao Brazil. Vêem-se assim dissipar as nuvens que se tinham levantado entre os dois paizes, reatando-se as seculares relações

que emfim, não foram além do que era de esperar.

Na reunião do Porto, a que foi presidir o sr. José Luciano de Castro, não se produziu nada que impressionasse o paiz. Os discursos foram banaes e os programmas sórdicos, não revelando uma unica idéa salvadora, nem uma promessa positiva, que podesse influir no espirito publico, sufficientemente descrente de todos os salvadores d'officio. Esta é a verdade, no meio de todas as paixões politicas de que, graças a Deus, estamos insentos.

Se a questão se resume em derrubar o governo que está, e que é da facção regeneradora, para subir ao poder o partido progressista, paremos que o paiz fica no mesmo estado ou peor, n'este momento, em que ha ainda questões importantes a resolver, parte d'ellas herdadas dos progressistas, como a questão financeira.

E em que outro ponto se resume toda esta patoleia?

verno e o condemnarem a demittir-se, em vez de irem fazer comícios por esse paiz a gastarem tempo e rhetorica que deviam reservar para o parlamento?

Parece-nos que isto era muito mais constitucional e lhe daria muito mais força para as luctas do parlamento, do que mostrarem primeiro a baixa cotação das suas idéas, que apenas conseguem levar ao espirito publico a convicção, de que toda a sua campanha é para derrubarem o actual governo e o substituirem, isto sem outro fundamento que a ambição de governarem.

Ora de ambiciosos está o paiz farto e ainda mais farto de illusões para que se mova facilmente por Catões de cebo.

João Verdades.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.^a, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39 — Lisboa